

O Outro em Sade: Corpo, Desejo, Poder e Gozo.

*“Quanto mais se admirava o artifício, a astúcia, o coquetismo nos traços de uma, tanto mais se admirava o pudor, a delicadeza e a timidez na **outra**.” [SADE]*

Não há projeto de design sem usuário. E para que um projeto de design seja completo, faz-se necessário determinado conhecimento por parte do designer sobre ele, o sujeito ao qual se destina o produto final. Até que ponto tal entendimento desse sujeito via recortes “burocráticos” [faixa etária, classe social, escolaridade, etc...] funciona? Seria esse recorte suficiente por si só, a ponto de nos revelar o imaginário que norteia o entendimento do mundo por parte desse sujeito para o qual se volta todo o esforço de projeto?

A diversidade de discursos abrangidos por esse tipo de recorte pode revelar falhas principalmente quando se quer transmitir uma série de valores agregados. É preciso entender que esse sujeito não possui mecanismos causais óbvios os quais possamos ativar ou desativar prontamente. Em alguns projetos, uma pesquisa feita a partir de um recorte do imaginário, repleto de significantes, pode garantir uma exploração mais rica do tema e garantir uma melhor compreensão, assimilação e identificação por parte daqueles ao qual se destina o projeto, ou seja, alcança-se o melhor desempenho do produto. Um dos temas norteadores do imaginário carioca, por exemplo, pode ser associado à questão da sexualidade. Os produtos voltados para o setor do vestuário carioca são alvo da exploração incansável da sensualidade.

O exemplo da moda nos introduz facilmente ao ponto fundamental dessas relações: O corpo.

O sujeito tal qual buscamos como referência é na verdade um sujeito fragmentado. Entender esse sujeito requer o entendimento de muitos Outros. O corpo é um outro e *“ora seja em que cultura for, o modo de organização da relação ao corpo reflete o modo de organização da relação às coisas e das relações sociais”* [BAUDRILARD]. Ou seja, é a relação que temos com o corpo que norteia todos os tipos de relações que tenhamos em nossa vida, seja com outros seres humanos, seja com os objetos que nos cercam ou o ambiente em que vivemos, e sendo a sexualidade a principal forma de reger essa relação com o corpo.

“A sexualidade aparece como um ponto de passagem denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais”. [FOUCAULT]

Em nossa unificação imaginária com o corpo criamos uma vasta gama de significantes que regem o modo como interagimos, coabitamos este espaço material. E por causa do desejo de domínio sobre esse corpo que precisamos marca-lo tão materialmente quanto ele se apresenta aos nossos desejos. O corpo torna-se então o canal de materialização do desejo do sujeito. É ele o primeiro significante.

Partindo dessa temática, pretendo explorar uma visão da relação entre os muitos outros que habitam em nós e que refletem em nossas relações sociais os papéis de dominação e submissão os quais encenamos em nosso cotidiano tendo particularmente como foco desta reflexão a justaposição do conto *Justine ou Os Infortúnios da Virtude* do Marquês de Sade ao discurso do Sadomasoquismo moderno.

Justine ou *Os Infortúnios da Virtude* é um dos contos mais famosos do Marquês de Sade. Em tal conto, escrito em 1787, Sade traz a tona personagens que encarnam de maneira visceral as relações de poder social entre fraco e forte, pobre e rico, carrasco e vítima. Nele narra-se o percurso de uma jovem órfã que tenta sobreviver e preservar a todo custo suas virtudes em meio a um mundo completamente dominado por crimes, vícios e pecados. A história sustenta um discurso paradoxal, talvez sarcástico em se tratando do Marquês, onde não só o criminoso prospera, assim como o crime é situado como sendo um mal necessário e indispensável à civilização e onde, paralelamente, postula que é somente através da virtude que se pode alcançar a verdadeira felicidade. Sade provoca o leitor com um jogo de discursos que ornamentam a natureza do desejo e supostas verdades naturais ao ser humano, visto a condição de sua realidade precária. Ele aparentemente se apropria de um discurso perverso para propor uma moral, através de dois tipos de sujeito: o virtuoso [que no caso é a encarnação da vítima] e o libertino [o criminoso]. O crime surge aí como sendo parte da dimensão inconsciente da lei, como aquilo que regula o que é da ordem do gozo. Em seu universo, Sade coloca o vício no lugar da ordem natural/racional das coisas. Roland Barthes traduz eficientemente o que Sade tenta dizer em seu conto ... que *"a perversão faz feliz"*.

"Infelizmente, não é mais do que verdade que a prosperidade pode acompanhar o delito e que tudo o que os homens chamam de felicidade pode dourar o fio da vida, mesmo no seio das desordens e da corrupção. Mas que esta verdade fatal e cruel não alarme ninguém tanto quanto aquela, da qual vamos tão logo oferecer o exemplo: da virtude que por toda parte é perseguida pela infelicidade. Mas isto não deve mais atormentar a alma das pessoas honestas. Esta prosperidade do crime é apenas aparente. E, independentemente da Providência, que necessariamente deve punir tais sucessos, o culpado alimenta no fundo do coração um verme que insistentemente o róí, impedindo-o de usufruir este vislumbre de felicidade que o envolve, não lhe restando mais que a recordação desesperada dos crimes que cometeu. No que diz respeito a infelicidade que atormenta a virtude, sabemos que tem sua consciência por consolação aquele a quem a sorte persegue. E as alegrias secretas que de sua pureza ele retira indenizam-no da injustiça dos homens." [SADE]

"... a dureza dos ricos legitima a patifaria dos pobres ... conhece-a melhor e convence-te de que ela [a Providência divina] nos coloca numa situação onde o

mal nos é necessário e se ela, ao mesmo tempo, nos deixa a possibilidade de exercê-lo, é que este mal serve às suas leis tanto quanto o bem e ela tanto ganha com um como com outro.” [SADE] – discurso de Dubois para convencer Justine

“Ó, tu que leste esta história poderás tirar o mesmo proveito que esta mulher mundana, que o tempo corrigiu; possas tu te convencer, como ocorreu com ela, que só se encontra a verdadeira felicidade no seio da virtude. E se Deus permite à virtude assim seja perseguida na Terra, é para lhe preparar no céu uma recompensa mais sedutora.” [SADE]

A virtude expressa na personagem Justine, a tal órfã, enquanto verdade transcendente, luta, até o seu fim irremediavelmente trágico, contra esse crime que é visto pela dimensão da razão. Justine vê-se envolvida, contra sua vontade, nos crimes mais vis, onde sempre acaba tornando-se vítima de sua própria virtude. A vida lhe ensina que ao cumprir o seu mandato simbólico, todas as conseqüências serão drásticas. Apesar da tomada de consciência de sua situação ela não cede quanto ao seu desejo.

“... E se a providência me torna penosa a carreira da vida, é, antes, para mais fartamente me premiar num mundo melhor.” [SADE] – Justine fala a Dubois

“..será possível que nenhum movimento de piedade possa brotar em mim sem que, no momento instantâneo, seja punido pelos desgostos mais cruéis que possa haver no universo? ... Hoje peço perdão aos céus, mas a revolta está bem na boca do coração.” [SADE] – trecho do discurso da personagem Justine



“Oh! Meu Deus! mais uma vez quisestes que uma inocente fosse vítima do culpado. Fazei de mim o que quiserdes, Senhor, ... O que tenho sofrido Vos adorando me torne digna de um dia receber as recompensas que tendes prometido aos fracos, que tomai por objeto nas atribuições e que Vos glorificam ainda no meio dos seus padecimentos!” [SADE] – justine ao ser punida pelo Sr. de Bressac

Justine não se deixa corromper por crime algum, nem mesmo sabendo que por um ato de bondade receberá em troca a fúria de seu carrasco. É apesar de zelar por seu corpo como a um templo sagrado, ele é usado como o próprio receptáculo do gozo do libertino. Para esse outro, seu “corpo templo” é onde o gozo está depositado.

“Confesso que as seduções desta mulher sagaz não me abalaram, porque uma voz mais forte que ela combatia em meu coração os seus sofismas. Ouvi, e pela última vez fiz-lhe ver que estava decidida a não me deixar jamais corromper.” [SADE] – trecho do discurso da personagem Justine sobre a Dubois

“Apesar de minha repugnância, apesar dos meus gritos e das minhas súplicas, vim a ser, pela segunda vez, o desditoso recipiente dos insolentes desejos deste miserável...” [SADE] – Justine sobre Antônio

“As infelicidades que sem culpa essa infeliz sofreu, embora ela sempre respeitasse a virtude, têm alguma coisa de extraordinário, senhor, para deixar de abrir os olhos sobre mim mesma. Não penses que não vejo os falsos brilhos de felicidade que, no curso desta aventura, usufruíram os criminosos que a atormentaram. Estes caprichos da sorte são os enigmas da Providência, e a nós cabe escolher mas não deve nunca nos seduzir. A prosperidade nos submete, ela é como os raios cuja luz enganadora corta, por momentos, a atmosfera, embelezando-a, para em seguida precipitar no abismo da noite o infeliz que deslumbrou... Eis aí o exemplo sob os nossos olhos. As calamidades contínuas, os terríveis sofrimentos ininterruptos desta desditosa criatura são um aviso que o Eterno me dá para arrepender-me de minhas faltas, para escutar a voz do remorso, para jogar-me em seus braços. Que tratamento dele devo temer, eu... cujos crimes fariam tremer, se tu os conhecesses... eu, cuja libertinagem, irrelição..., o abandono de todos os princípios me marcou a cada momento da vida... o que devia esperar, enquanto assim foi tratada aquela que não cometeu um só erro que a levasse a abreviar os seus dias... Separemo-nos, senhor, já é tempo... nenhuma cadeia nos liga, esqueça-me e deixe-me que expie aos pés do Ser Supremo as infâmias com que manchei minha alma. Este golpe terrível foi necessário à minha conversão neste mundo e à felicidade que espero que espero gozar no outro. Adeus senhor, jamais porá teus olhos em mim. A última prova que espero de tua amizade é a de nunca dares qualquer busca para saber o que foi feito de mim. Espero-te num mundo melhor, ao qual te levarão tuas virtudes e que as macerações que padecerei para expiar meus crimes, e no meio dos quais passarei os anos infelizes de minha vida, possam fazer com que um dia te veja ali!” [SADE] – Juliette fala ao Sr. de Corville ao ver a morte de Justine

É esse mesmo outro que tenta convencer Justine de abandonar suas verdades transcendentais e seguir do ponto de vista da razão. Para tanto, o sujeito libertino empenha-se em uma cruzada que vai além dos seus próprios sofismas. Ele toma, usa, submete, pune, castiga Justine. Essa aniquilação do outro Justine é da ordem de um imperativo categórico: o

gozo. Tudo para que ela abandone o seu desejo e siga uma ordem de natureza superegógica.

“Vamos ... Já está na hora de imolar a vítima. Que cada um de nós se prepare para fazê-la suportar seus prazeres preferidos.” [SADE] – Rafael fala para seus companheiros



“Não te peço nada ... eu tomo ... nunca dediquei estima ou ternura, ao ser que, por dinheiro ou por autoridade, submeto aos meus desejos, pois o que para mim tomo, só a mim mesmo devo. Por isso exijo submissão.” [SADE] – trecho do discurso do personagem Dalville



“Mas Dalville, mergulhado no prazer que meu corpo lhe dava, só respondeu as minhas queixas com meia dúzia de suspiros entremeados de muitas injúrias e lá me abandonou assim que se sentiu satisfeito.” [SADE] – trecho do discurso da personagem Justine

O discurso BDSM - *Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo* – também chamado de Sadomasoquismo ou SM, assim como em Sade, se baseia em dois sujeitos fundamentais: o dominador e o submisso. Entretanto, as práticas BDSM se dão dentro da ordem do que seus praticantes consideram São, Seguro e Consensual. Para que isso seja possível, existem determinados limites que devem ser respeitados por ambos os sujeitos, dominadores ou submissos. É preciso conhecer os limites de cada um. Na verdade, tais limites são linhas imaginárias e na

maioria das vezes não vem ao caso explicitá-los, mas sim descobri-los. Como em qualquer relação, seja ela SM ou baunilha¹, para que se possa conhecê-los profundamente é necessário que haja confiança e cumplicidade entre os parceiros. No caso de um serviço pago de dominação sexual é importante estabelecer claramente o que pode e o que não pode ser feito. Nos Estados Unidos, por exemplo, é possível contratar uma dominatrix². Os limites do jogo devem ser explicitados por escrito pelo cliente, como se fosse um contrato de prestação de serviços. Segundo Toni Marques do Jornal O Globo, esse “documento” pode ser elaborado através de questionário que levanta as preferências do cliente nos quesitos punição corporal, jogo de papéis, humilhação, escravidão, fetiche, entre outros.

Para os adeptos do BDSM, exercer superioridade em jogos eróticos deixa os indivíduos livres para uma vida social, pelo menos na teoria, mais igualitária. Suas fantasias de dominação realizadas consensualmente para obter e conceder prazer durante as cenas³ fariam com que deixassem de existir intrigas e maltratos que não satisfazem ou causam prazer sobre aqueles com os quais interagimos socialmente na vida real. Na tentativa de amenizar o julgamento por parte da sociedade, os próprios adeptos do sadomasoquismo enquanto discurso politicamente correto admitem o uso do termo *Power Exchange*. Nesse sentido, entende-se que o BDSM se vale de um discurso perverso para propor uma moral social. Ele é encarado aí como uma forma de catarse. Ainda assim, a discussão em torno do desejo por parte de um submisso de entregar-se mediante ajuste de certas condições ao controle sensual de um dominador pode ser tanto delicada quanto controversa, pois os conceitos modernos de Sadomasoquismo se confundem com o discurso do próprio Sade.

De um modo ou de outro, todos nós seres humanos, dominadores, submissos, virtuosos, baunilhas, temos necessidade de tomar posse de

nosso próprio corpo, de unificar o que está fragmentado. A capacidade do sujeito de lidar com a necessidade de poder e a agressividade [pulsão de morte] presente nas relações sociais cotidianas e, de certa forma, inerente ao ser humano civilizado, podem ser entendidas e controladas pelo sujeito a partir de seus desejos. Dessa forma, tão importante quanto encontrar os seus desejos seria a forma como o sujeito lida com eles.

¹*Dominatrix: título referente a mulher dominadora.*

²*Baunilha: aquele que mantém relações convencionais ou relacionamento sexual onde nenhum aspecto do BDSM está envolvido. O switcher é aquele que é ora dominador, ora submisso.*

³*Cena: estar envolvido ou atuante em qualquer atividade BDSM ou o momento de uma prática.*

bibliografia

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

CREPAX, Guido. *Justine*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FALBO, Giselle. *Body art, body modification, L'Art Charnel*. Rio de Janeiro: [obra original não publicada], 1999.

FOULCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SADE, Donatien Alphonse François. *Justine ou os infortúnios da virtude*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

Jornal O Globo - Caderno Ela, 19/maio/2001.

www.nossosomos.com [site]